

<vocativo>

Uma saudação muito calorosa aos novos estudantes da Universidade de Coimbra. É para vós que esta Universidade existe, desde há 725 anos. Neste dia de equinócio de outono desejo-vos um percurso universitário cheio de sucessos académicos e pessoais, numa contínua descoberta inspiradora de tanto que a vida nos permite fruir.

A Universidade de Coimbra segue uma Carta de Princípios do Estudante da Universidade de Coimbra, com quatro vertentes: Compromisso, Responsabilidade, Iniciativa e Excelência. Compromisso com um percurso de aprendizagem marcado pelo trabalho honesto e um total repúdio por falsificações e plágio. Responsabilidade pela aceitação e valorização da diferença, seja de sexo, idade, raça, língua, religião, saber, orientação sexual, incapacidade ou qualquer outra particularidade. Iniciativa na concretização de uma aprendizagem com uma forte construção pessoal do saber. Excelência na construção de um percurso académico que atinja patamares superiores de qualidade.

Uma saudação especial ao Presidente do Conselho Geral da Universidade de Coimbra, Doutor Emílio Rui Vilar, pelo trabalho empenhado em prol da Universidade de Coimbra que tem desenvolvido, e um agradecimento, extensível a todo o Conselho Geral, pela confiança em mim depositada ao eleger-me para um segundo mandato, confiança que tudo farei para merecer.

Olhar para o mundo

A Universidade de Coimbra tem há muitos séculos uma missão que ultrapassa as fronteiras de Portugal. Gabriel Paquette, um professor americano de história na Universidade de Johns Hopkins, onde dirige o Centro de Estudos Latino-Americanos, dá particular destaque ao papel da UC no livro que publicou em 2013, sob o título "Imperial Portugal in the Age of Atlantic Revolutions", dedicado ao período entre 1770 e 1850. Afirma ele que a monarquia portuguesa usou essencialmente dois mecanismos para garantir a coesão do seu enorme império, sendo que um deles, quiçá o principal, foi "... the blurring of the line between metropole and colony through university education. Brazilians (and later subjects from other colonies) had been incorporated into a transatlantic bureaucracy from the first stages of colonization. The principal mechanism for recruitment was the University of Coimbra. [...] Coimbra was the training ground for imperial service [...]"¹. O segundo mecanismo foi uma rotação muito frequente dos dirigentes da administração pública, dos juizes e dos militares, entre a metrópole e as várias colónias do império, levando a uma grande partilha de experiências e evitando o enquistamento de poderes locais.

Este papel global da Universidade de Coimbra conformou-lhe a estrutura e o ensino ministrado. A reforma pombalina resultou na centralidade do direito civil, complementado por matérias como a matemática, as ciências da natureza e a medicina, em detrimento do direito religioso que era, até essa reforma, o curso dominante.

Ser uma Universidade Global, como é de novo o desígnio da Universidade de Coimbra, obriga também a fazer mudanças, naturalmente de índole diferente das introduzidas pelo Reitor brasileiro Francisco de Lemos no final do século XVIII.

Uma dessas mudanças resulta do papel cada vez mais central da Internet no nosso mundo, que inevitavelmente influencia de maneira crescente o ensino nas universidades. É neste contexto que se

¹ Gabriel Paquette "Imperial Portugal in the Age of Atlantic Revolutions: The Luso-Brazilian World, c. 1770-1850" Cambridge University Press, 2013, ISBN 978-1-107-64076-4, pp. 21.

enquadra o consórcio estratégico entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Aberta, assinado no passado mês de julho, para o desenvolvimento de uma oferta alargada de cursos conjuntos através da Internet, quer licenciaturas, mestrados e doutoramentos, quer cursos não conferentes de grau, mais curtos e mais focados. O ensino pela Internet é a forma atual do ensino a distância. Saúdo com particular ênfase o Reitor da Universidade Aberta, o Professor Paulo Dias, aqui presente, que tem partilhado comigo o entusiasmo da construção desta parceria.

A Internet é o veículo principal da globalização dos nossos tempos, mais do que as viagens de avião baratas. Não é fácil saber se, no futuro, o ensino pela Internet vai ser mais importante do que o ensino presencial, ou se este vai manter a sua prevalência. Mas uma coisa sabemos: o ensino pela Internet está, e vai garantidamente continuar, em franca expansão. Sabemos também que, se esse tipo de ensino for bem aplicado, garante uma qualidade similar ao ensino presencial. São também possíveis variantes mistas, complementando-o com alguns períodos presenciais intensivos. A avaliação é em regra presencial, tendo já a Universidade Aberta constituído pelo mundo inteiro uma rede de locais de exame.

A parceria entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Aberta é particularmente virtuosa, pois junta uma universidade clássica, de largo espectro, com grande reconhecimento internacional, a uma universidade pequena mas muito conhecedora do modelo pedagógico do ensino através da Internet. Ambas conseguem um claro alargamento da sua capacidade de intervenção: a Universidade Aberta porque passa a poder intervir em áreas do saber onde estava ausente, e a Universidade de Coimbra porque passa a poder ter uma presença muito forte no ensino a distância.

É uma parceria virada para o mundo. Em Portugal, o ensino a distância nasceu não só para chegar aos estudantes que moravam longe das instituições de ensino, mas também para disponibilizar uma oportunidade de aprendizagem àqueles que já tinham uma atividade profissional que lhes preenchia os dias. Estes objetivos continuam válidos, mas são secundários. O objetivo desta parceria é ter presença global, atraindo estudantes de todo o mundo.

Por tudo isto quero aqui saudar a primeira aprovação de que tenho conhecimento, pelos órgãos das Faculdades da UC, de um curso conferente de grau para ensino através da Internet na Universidade de Coimbra: o Mestrado em Biologia e Ambiente, proposto pelo Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC e pelo Departamento de Ciências e Tecnologia da Universidade Aberta. Será, tanto quanto sei, o primeiro curso conferente de grau em regime de ensino a distância da história da Universidade de Coimbra.

Atraímos cada vez mais estudantes internacionais também para o ensino presencial. Neste segundo ano de aplicação do estatuto de estudante internacional duplicou o número de estudantes a entrar na Universidade de Coimbra, sendo de assinalar a chegada dos primeiros chineses.

Quero dar particular realce ao Ano Zero de Ciências e Tecnologia, que decorreu no ano letivo passado sob coordenação da Professora Helena Albuquerque, com resultados notáveis. O Ano Zero tem por objetivo estabelecer a ponte entre os conhecimentos de origem dos nossos estudantes, tão diversos como os sistemas de ensino de onde provêm, e os requisitos de entrada dos nossos cursos. Sem este mecanismo não poderíamos aceitar alunos de algumas proveniências, ou então eles teriam pela frente um percurso com alta probabilidade de insucesso. Neste ano letivo vai funcionar também o Ano Zero de Língua Portuguesa, que tem por objetivo levar os seus estudantes, num ano apenas, do desconhecimento da língua portuguesa até ao nível B1, para que no seu segundo ano letivo em Coimbra estes já sejam capazes de acompanhar aulas em português, no curso que tenham escolhido. Quero aqui saudar as Professoras Graça Rio Torto e Cristina Martins, que aceitaram coordenar este curso, com o desafio difícil de conseguirem levar, num ano apenas, à fluência na língua

portuguesa. No próximo ano letivo esperamos ter também um Ano Zero de Ciências Sociais e Humanidades. Chamo a atenção para o facto de a avaliação final do ano zero ser simultaneamente um exame de acesso específico para a Universidade de Coimbra. Para 2016/17 vamos aceitar candidaturas individuais diretas a estes exames, e aos Anos Zero propriamente ditos, pois até aqui só temos aceite estudantes no âmbito de acordos com entidades financiadoras. É mais um mundo novo que se abre à UC.

Para termos um bom lugar no mundo temos de juntar forças com outros, que desempenham missões complementares da nossa. Sozinhos somos demasiado pequenos e fracos. É por isso motivo de enorme satisfação para mim a criação de um consórcio entre a Universidade de Coimbra, primordialmente através da sua Faculdade de Medicina, e o CHUC - Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. O Ministro da Saúde, Dr. Paulo Macedo, e o Ministro da Educação e Ciência, Professor Nuno Crato, procederão à assinatura da portaria conjunta hoje, pelas 17 horas, na sala do Senado da UC, em cerimónia para a qual vos convido a todos. Quero publicamente agradecer o enorme empenho neste processo do Presidente do Conselho de Administração do CHUC, Dr. José Martins Nunes, cuja determinação e visão foi decisiva para que este consórcio se concretize. Ao Diretor da Faculdade de Medicina é devido igual agradecimento. Abrem-se novas formas de cooperação entre as duas instituições. O consórcio representa, a meu ver, um passo importante no percurso para se atingir um estatuto de verdadeiro hospital universitário, onde as funções de assistência, investigação, ensino e translação de conhecimento se reforcem mutuamente, granjeando ao CHUC e à UC um prestígio internacional reforçado.

Este juntar de forças tem acontecido também com a Câmara Municipal de Coimbra, e quero aqui saudar o seu presidente, Dr. Manuel Machado. Realço a sua decisiva intervenção na questão da futura utilização das anteriores instalações do Hospital Pediátrico, que espero venham a ser colocadas à disposição do consórcio Ageing@Coimbra, no qual deposito grande esperança. Já foi possível obter variados investimentos europeus, mas há ainda muito trabalho pela frente, que em conjunto conseguiremos, estou certo, concretizar. É mais uma iniciativa com os olhos colocados para lá das nossas fronteiras nacionais, como não pode deixar de ser numa Universidade Global.

Importa saudar aqui também a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, e em particular a sua presidente Professora Ana Abrunhosa, que têm desempenhado um papel decisivo na ajuda ao desenvolvimento da Universidade de Coimbra. A CCDRC tem os meios financeiros, mas felizmente também a visão para perceber que o caminho da UC só pode ser o de aceitar em pleno o desafio da internacionalização.

O desempenho das universidades neste mundo global é cada vez mais determinado pela nossa posição nos rankings, apesar de tantos deles serem tão redutores nas análises que fazem. Mas são uma realidade incontornável. Felizmente, conquistámos uma posição confortável na elite das 500 melhores universidades, de entre as muitas dezenas de milhar que existem em todo o mundo. Com efeito, mantemo-nos, pelo 3.º ano consecutivo, no top 500 do ranking de Shangai. No ranking da QS mantivemos a nossa posição também no Top 500, sendo que no “QS by Subject” passámos de 3 para 8 as áreas disciplinares em que estamos presentes no Top 200. No ranking da Scimago, onde estamos também no Top 500, melhorámos em 10 dos 13 indicadores considerados. No U-Multirank (um projeto com o apoio da Comissão Europeia), obtivemos a classificação máxima (Muito Bom). No ranking de Leiden a UC é a IES portuguesa que ocupa a primeira posição na publicação em colaboração com a indústria. Globalmente, a UC melhorou o seu posicionamento em todos os rankings nos indicadores relacionados com as citações.

Nestas rápidas notas sobre a UC, numa perspetiva global, tenho de terminar como comecei, com referência à história, pois comemoramos este ano 725 anos de um percurso muito variado e sempre relevante. Escolhemos fechar as comemorações com um momento muito alto: um grande

Congresso sobre a Língua Portuguesa como idioma do futuro. Agradeço muito ao Professor Carlos Reis ter aceite coordená-lo. O papel da UC na criação, desenvolvimento e afirmação da língua portuguesa é um dos nossos motivos de orgulho, mas acima de tudo uma responsabilidade. A língua é uma das nossas prioridades estratégicas. O Congresso decorrerá de dois a quatro de dezembro deste ano, e reunirá grandes oradores de toda a lusofonia. Debateremos os desafios que são colocados por uma sociedade cada vez mais uniformizada, mas também mais necessitada de diversidade. A língua portuguesa tem um grande papel a desempenhar no nosso futuro, mas nós temos de trabalhar para isso.

Olhar para o país

Estamos em tempo de eleições e, não sendo este o lugar para qualquer pronúncia sobre as disputas partidárias, importa contribuir para o debate sobre a política a seguir nos próximos anos no ensino superior e na ciência.

Em primeiro lugar precisamos de compreender que o entendimento nas Universidades quanto à relevância da investigação científica se alterou muito nos últimos anos. Há duas ou três décadas as hierarquias universitárias eram com frequência indiferentes à investigação científica, mas tudo mudou. A descoberta de novo conhecimento é uma preocupação central dos reitores e suas equipas. Já não há razão para se continuar a fomentar a existência de um "sistema científico" como um mundo separado das universidades, ao arripio das melhores práticas internacionais. Infelizmente a Fundação para a Ciência e Tecnologia continua, no essencial, a promover a separação dos dois mundos, algo que, por exemplo, a Comissão Europeia não faz, pois sabe que são as Universidades o local onde se materializam quase todos os grandes avanços do conhecimento. Só as Universidades, graças à chegada anual de estudantes, com novas energias e novas ideias, conseguem manter-se como instituições criativas por longos períodos de tempo. A dicotomia Universidades/Ciência é negativa para Portugal e tem de ser alterada. Penso por exemplo que deve haver uma só Secretaria de Estado, simultaneamente para a Ciência e o Ensino Superior.

Em segundo lugar entendo que as universidades têm de ser cada vez mais autónomas, para conseguirem ser internacionalmente competitivas. É indispensável existir, no desenho da Administração Pública portuguesa, uma figura jurídica própria para as universidades, que não se confunda nem com fundações nem com institutos públicos. De outra forma, ao alterar-se algum aspeto dessas figuras jurídicas, as universidades tornam-se vítimas colaterais de regras pensadas para outros tipos de instituições com quem partilham o enquadramento jurídico. O artigo cinco da nova lei do Enquadramento Orçamental é um excelente início desse processo, ao definir um posicionamento específico para as Instituições do Ensino Superior, mas há ainda muito trabalho a fazer. É aqui devido um agradecimento especial ao Prof. Vieira de Andrade, pela colaboração preciosa que deu no aperfeiçoamento da nossa proposta de redação para esse artigo, que veio a ser acolhida pelo parlamento.

Em terceiro lugar é necessário reforçar a capacidade de atração internacional das nossas melhores universidades. Elas têm o potencial de ajudar Portugal a ser um fornecedor de serviços de grande valor acrescentado para todo o mundo, criando empregos e riqueza. São o único setor que consegue atrair grande quantidade de gente jovem, de que este país envelhecido tanto precisa. As universidades precisam de ser vistas pelo país como um setor central para a sua recuperação económica, não como apenas mais uma fonte de despesa. O recente Estatuto de Estudante Internacional dá passos importantes nesse sentido, mas muito mais há a fazer.

Olhar para a UC

Renovo o otimismo que vos tenho trazido. Estamos a conseguir ultrapassar as dificuldades, e a sair

mais fortes da crise.

Temos conseguido reforçar a nossa infraestrutura de investigação, estando por exemplo presentes em 28 das 40 infraestruturas científicas aprovadas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Ficámos bem acima da média nacional no recente processo de avaliação das unidades de investigação da FCT, apesar de vários casos em que fomos vítimas de erros clamorosos, que ainda não foram apreciados. O meu grande aplauso ao Centro de Matemática da UC que foi um dos poucos no país. de todas as áreas, que obteve a avaliação máxima.

Temos tido um número crescente de projetos do Horizonte 2020 aprovados, onde gostaria de realçar a robótica, as microalgas, a hidráulica, o laser, a computação avançada, as estruturas metálicas, o envelhecimento, as doenças neuro-degenerativas e as aplicações da inteligência computacional à medicina.

Vários investigadores receberam importantes prémios internacionais. Realço Luís Nunes Vicente, professor catedrático no Departamento de Matemática, que recebeu o Prémio Lagrange, atribuído de 3 em 3 anos por duas destacadas sociedades científicas internacionais, a Society for Industrial and Applied Mathematics (SIAM) e a Mathematical Optimization Society (MOS).

O nosso ensino continua a reforçar a sua atratividade, como mostram os resultados do concurso nacional de acesso, bem como o aumento do número de estudantes internacionais que já mencionei.

O ritmo de formação de empresas *spin-off* da UC mantém-se elevado, e a atividade cultural intensa. O espetáculo de *video-mapping* do passado dia 3 de julho foi talvez o evento cultural no Paço das Escolas que mais pessoas atraiu nos últimos decénios.

Estamos a recuperar a nossa capacidade de recrutamento. Esse processo já é bem visível no que se refere ao pessoal técnico, e será também muito notório para o pessoal docente no ano letivo que agora se inicia.

Financeiramente, as receitas adicionais que temos conseguido obter conseguiram compensar os cortes decretados pelo Governo.

Nas infraestruturas físicas estamos com um nível de investimento muito elevado. Depois de solucionada a limitação de espaço da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, espero que o mesmo ocorra em breve com a Faculdade de Direito e a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Quero agradecer neste particular à direção do agrupamento que incluiu a Escola Silva Gaio, muito em particular à sua Diretora, a Professora Amélia Loureiro, pela disponibilidade para partilhar as instalações de que esta escola dispõe. O Estádio Universitário, por outro lado, está a ser sujeito às maiores obras de recuperação desde a sua fundação, há cerca de cinquenta anos. O edifício 3 da Faculdade de Medicina está quase pronto, e o Centro de Documentação 25 de Abril está a ocupar instalações novas, bem como o Centro de Estudos Sociais.

Termino com uma referência à equipa reitoral. Quero deixar aqui um agradecimento muito sentido às duas vice-reitoras que deixaram a equipa. A ambas desejo os maiores sucessos neste desafio exigente de trabalhar para o desenvolvimento de Portugal no Parlamento.

A Professora Helena Freitas tem a capacidade rara de se aperceber das grandes tendências antes de outros sequer delas suspeitarem. Ajudou a UC a entrar em áreas novas, como o agro-alimentar, e a olhar para áreas como o Desporto com olhos bem mais atentos, entre outras contribuições relevantes. Muito obrigado!

A Professora Margarida Mano protagonizou um trabalho notável na área do planeamento estratégico. Depois de termos podido trabalhar com a ajuda desse instrumento, ninguém vai aceitar que ele possa vir a deixar de estar disponível mais à frente. Nas finanças a sua cuidadosa gestão foi decisiva para conseguirmos ultrapassar a grave escassez dos últimos anos. Nos Serviços de Ação Social a sua ação foi redentora, em estreita colaboração com a administradora Dra. Regina Bento. Apesar da crise, os SASUC passaram de uma situação de pré-falência para uma trajetória de expansão, sem despedir ninguém. A Professora Margarida Mano mudou a UC, e todos lhe ficamos devedores de uma enorme gratidão.

Perante a necessidade de acomodar a saída inesperada destas duas vice-reitoras, entendi proceder a uma reflexão profunda sobre o funcionamento da equipa reitoral. Passados quase cinco anos desde que ela foi constituída, houve que analisar o que mudou, tirar conclusões da experiência acumulada, e escolher como a ajustar. A conclusão mais patente a que cheguei foi que a administração da Universidade tem neste momento uma capacidade de resposta muito superior à que tinha em 2011, havendo embora ainda tanto para fazer. É particularmente relevante a progressão nos últimos meses, graças à enérgica e muito competente intervenção da sua administradora, a Dra. Teresa Antunes. Decorre daí que as situações em que a equipa reitoral tem de suprir as dificuldades de resposta da administração são cada vez menos, pelo que a intervenção dos vice-reitores já pode ser mais política e menos processual. Decidi assim proceder a um rearranjo dos pelouros sem entrada de novos elementos, passando a haver apenas seis vice-reitores. Mantenho em aberto a possibilidade de, mais à frente, poder incluir mais alguém, se a experiência com este formato o aconselhar.

Passo a descrever as principais mudanças na distribuição interna dos pelouros.

O Prof. Amílcar Falcão passa a integrar o Conselho de Gestão, e a coordenar a nossa relação com os fundos estruturais, quer do Portugal 2020, quer do Centro 2020 e do Horizonte 2020. Os projetos concretos serão, quando geridos pela equipa reitoral, atribuídos caso a caso ao vice-reitor da área que esteja em causa. Assume igualmente o pelouro do Desporto, com o enorme desafio que são os EUSA 2018. Ficará ainda responsável pelo polo de Alcobaça.

O Professor Luís Menezes assume os serviços de ação social, e concentra em si as áreas anteriormente dispersas do Turismo, Museus e Património, bem como o Jardim Botânico e o Palácio de S. Marcos. Há grandes sinergias potenciais entre estas áreas.

A Professora Madalena Alarcão assume o planeamento, que coordenará com a área da Qualidade, que já geria. Assume ainda por inteiro o nosso novo desafio do Ensino a Distância, que está muito próximo do seu pelouro académico.

O Professor Vitor Murtinho assume a área da habitação universitária, bem como as áreas da sustentabilidade e energia.

A Professora Clara Almeida Santos passa a tratar de toda a relação com os antigos estudantes, em paralelo com a comunicação que já coordenava, e que está em grande expansão.

O Professor Joaquim Ramos de Carvalho reforça a sua intervenção nas atividades de atração de estudantes estrangeiros, cooperação com instituições congéneres de outros países e na nossa participação nos fóruns internacionais em que estamos cada vez mais ativos.

Por último, a área financeira será coordenada por mim próprio, mas com um modelo muito mais descentralizado entre os vice-reitores, que estará em vigor pleno a partir do início do próximo ano civil.

Nós já somos uma Universidade Global. Muitas oportunidades se apresentam à nossa frente. Mostremos que as sabemos reconhecer e desenvolver, em benefício da Universidade de Coimbra, de Portugal e do Mundo.